CORPOS TIPIFICADOS, TECNOLOGIA E PARALELOS FORMATIVOS

José Augusto da Silva Neto[1]
Emerson Freire[2]
GT 1 – Digitalização do meio ambiente, epistemologias reticulares e transdisciplinaridade

RESUMO

Este estudo explora como o conceito de *corpo-competência*, na formação profissional, reflete a tipificação de um paradigma mercadológico e utilitarista. Ao alinhar competências socioemocionais e técnicas às demandas do mercado, essa formação molda indivíduos a fim de responder de forma flexível e adaptável ao mercado de trabalho, subjugando o corpo a um ideal de eficiência e adaptabilidade. Em contraste, abordagens indígenas de aprendizado, enfatizam um "estar no mundo", em que o conhecimento é adquirido em interação contínua com o ambiente e se desenvolve de maneira fluida, sem a divisão rígida entre cultura e natureza. A pesquisa, de caráter bibliográfico, analisa dimensões formativas em comunidades indígenas e contrasta com a formação em competências, fundamentando-se em autores como Simondon para discutir a individuação como um processo de integração com o meio. A visão indígena da tecnologia, que valoriza a simbiose entre ser humano e natureza, emerge como uma crítica ao paradigma ocidental, que privilegia a funcionalidade em detrimento da identidade cultural e ecológica. Assim, a proposta deste estudo visa promover uma reflexão sobre a educação atual, sugerindo que um modelo formativo inclusivo e sensível às epistemologias indígenas pode oferecer alternativas de modo a potencializar as virtualidades de um corpo.

Palavras-chave: Corpo-competência; Epistemologias Indígenas; Tecnologia; Individuação.

[1] Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica pelo Centro Estadual Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS).
[2] Doutor em Sociologia (Unicamp) e em Filosofia (Universidade de Paris 1 – Panthéon – Sorbonne). Professor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Paula Souza

INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte da hipótese de que as proposições formativas que regem a educação básica atual configuram uma tipologia ético-estética de caráter essencialmente mercadológico. A saber, a tipologia aqui denominada de *corpo-competência* demarca a interseção entre a formação em competências, especialmente aquelas de cunho socioemocional, e as demandas do mercado na emergência de um paradigma no qual os indivíduos são tornados corpos adaptáveis e multifuncionais, capazes de responder de forma flexível às necessidades do mundo profissional (Silva Neto, 2024, p. 79). A noção de tipologia evoca ainda o caráter exponencial próprio de executivos e sua ação empreendedora, na composição de um *éthos* empresarial (López-Ruiz, 2007), em que a plasticidade e a superação de crise são exemplos de comportamentos desejáveis e objetivados nesse contexto educativo.

A problemática que perpassa essa reflexão, no entanto, não é nova. O modo como compreendemos o corpo na cultura ocidental é marcado por um dualismo histórico, cujas incidências relegam ao objeto de nosso estudo, um *status* secundário frente à axiomas como razão, mente ou espírito. Essa herança, em termos contemporâneos, é identificada por autores como Giacóia Júnior (2011) na reificação do corpo na perspectiva da sociedade do trabalho maximizado, da instrumentalização da vida humana e da íntima relação entre seleção, domesticação e educação como estratégia na "produção de homens".

Por outro lado, tradições filosóficas como as legadas por Nietzsche, tomam o corpo como epicentro de horizontes éticos e epistemológicos outros que não os já dados por determinado ideal de organização social baseado no capitalismo. Foucault, em mesma ordem de análise, propõe heterotopias enquanto possibilidades que irradiam desse mesmo lugar. Nesse viés, a concepção de corpo que se estabelece não apenas supera a compreensão simplista de uma separação de seus aspectos intelectivos, mas lhe atribui um sentido ontológico mais complexo e abrangente. Conforme Gilbert Simondon (e de modo a oferecer uma forma de interpretação das proposições supracitadas), os processos de individuação são denotativos de interações constantes e ininterruptas dos seres em composição com seu meio associado. Essa compreensão culmina na superação da dicotomia entre indivíduo e coletivo, na impossibilidade em se traçar uma fronteira entre o humano e o não humano e, em sua implicação mais radical, no reconhecimento da relação com o não humano fora ou por meio do humano.

Partindo desses pressupostos teóricos, buscamos identificar paralelos ao *corpo-competência* enquanto tipificação de um projeto societal (ou da falta dele) marcado pelos parâmetros neoliberais. A saber, parte-se de considerações como as do antropólogo britânico, Tim Ingold, na constatação de que o processo de aprendizagem indígena é um processo contínuo de "estar no mundo", em que as pessoas adquirem conhecimento de maneira implícita, moldada por suas interações com o entorno e pela prática social cotidiana. Nessa segunda configuração, o indivíduo compõe um projeto coletivo para o qual é livre para incorporar aspectos tecnológicos que ampliam suas virtualidades em detrimento do aspecto meramente instrumental a que se submete a primeira.

METODOLOGIA

A pesquisa que aqui desenvolvemos é de caráter bibliográfico e pretende, em linhas gerais, situar a perspectiva educativa de comunidades indígenas e suas considerações acerca da tecnologia em relação aos modelos formativos atuais. Partimos, para tanto, da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada *Do* corpo-educando *ao* corpo competência*: as competências socioemocionais na formação profissional e tecnológica*, desenvolvida entre os anos de 2022 e 2024 junto ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), cujo objetivo é analisar o modo como a formação em competências socioemocionais têm modificado a relação corpo, formação e trabalho na Educação Profissional e Tecnológica. Conclui-se nesse estudo que o horizonte educativo ocidental não somente perpetua as condições de assujeitamento do corpo, mas, atravessados pela dinâmica neoliberal, faz surgir um *corpo-educando* formado para se adaptar ao estilo vida-empresa, caracterizando uma tipologia de cunho ético-estético aqui denominada *corpo-profissão*, em uma formatação para a flexibilidade e adaptabilidade compreendida como *corpo-competência.*

Opta-se, portanto, pelo levantamento de estudos de caráter etno-históricos e sociológicos em diálogo com perspectivas filosóficas, de modo especial aqueles aqui retratados, respectivamente, pelas obras *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge, and Description* e *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling, and Skill*, de Tim Ingold; *Politizar as Novas Tecnologias: O Impacto Sócio-Técnico da Informação Digital e Genética,* de Laymert Garcia dos Santos; e *A Individuação à luz das noções de forma e informação* e *O modo de existência dos objetos técnicos*, de Gilbert Simondon. Ainda que em caráter ensaístico, propomos algumas reflexões e aproximações conceituais de modo a fazer ver alguns paralelos acerca da consideração tecnológica, partindo especialmente de ontologias e epistemologias outras.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Manuela Cordeiro da Cunha (1992), organizadora do livro *História dos Índios no Brasil*, nas mitologias indígenas, a origem do homem branco distingue-se significativamente da de outros "estrangeiros" ou inimigos de uma respectiva tribo, pois, além de introduzir a ideia de alteridade, traz à tona o tema da desigualdade em poder e tecnologia. Com frequência, o homem branco é retratado como um indígena transformado, alguém que emerge do próprio grupo. Ademais, a superioridade tecnológica dos brancos, exemplificada pelo monopólio de machados, armas de fogo e objetos manufaturados, é frequentemente atribuída a uma escolha inicial oferecida aos povos indígenas:

> Os Krahô e os Canela, por exemplo, quando lhes foi dada a opção, preferiram o arco e a cuia à espingarda e ao prato. Os exemplos dessa mitologia são legião: lembro apenas, além dos já citados, os Waurá, que não conseguem manejar a espingarda que

> lhes é oferecida em primeiro lugar pelo Sol, os Tupinambá setecentistas do Maranhão cujos antepassados teriam escolhido a espada de madeira em vez da espada de ferro. Para os Kawahiwa, os brancos são os que aceitaram se banhar na panela fervente de Bahira: permaneceram índios os que recusaram. O tema recorrente que saliento é que a opção, no mito, foi oferecida aos índios, que não são vítimas de uma fatalidade, mas agentes de seu destino. Talvez tenham escolhido mal. Mas fica salva a dignidade de terem moldado a própria história. Assim também a etno-história do contato é amiúde contada como uma iniciativa que parte dos índios ou até como uma empresa de "pacificação dos brancos", como é o caso por exemplo dos Cinta-Larga de Rondônia. O que isso indica é que as sociedades indígenas pensaram o que lhes acontecia em seus próprios termos, reconstruíram uma história do mundo em que elas pesavam e em que suas escolhas tinham consequências (Cunha, 1992, p. 19).

Nessa perspectiva, as sociedades indígenas abordam os acontecimentos que as impactaram a partir de uma epistemologia bastante própria, reconstruindo uma narrativa histórica na qual suas decisões e escolhas tiveram peso e repercussões profundas. No núcleo desses relatos mitológicos, destaca-se a ideia de que aos indígenas foi dada a possibilidade de escolha e, no lugar de vítimas de um destino irreversível, assumem a posição de protagonistas. Ainda que algumas escolhas possam parecer desfavoráveis, os indígenas preservaram sua dignidade ao ocuparem o papel de agentes de seu próprio percurso histórico.

Esse horizonte epistêmico ganha contornos ainda mais específicos quando exploramos a questão da aprendizagem. Em sua obra, *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge, and Description*, Tim Ingold (2011), argumenta que o conhecimento em muitas culturas indígenas é inseparável da prática e do "estar no mundo". Ingold (2011) critica o enfoque ocidental no aprendizado como transferência de informações e sugere que, em culturas indígenas, o conhecimento emerge através da "improvisação em ação" (Ingold, 2011, p. 6). Segundo o autor, o aprendizado ocorre em um contexto imersivo, onde o ambiente e a experiência direta moldam o conhecimento. "Para as pessoas cuja vida é passada em constante engajamento com os elementos ao seu redor, aprender é fazer parte deste mundo que está sempre em movimento e transformação" (Ingold, 2011, p. 7).

Em *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling, and Skill*, Ingold (2000) propõe que, na aprendizagem indígena, não existe uma dicotomia entre natureza e cultura, sendo o ambiente parte integrante da construção de conhecimento, partindo de uma abordagem aqui denominada *dwelling perspective* ou *perspectiva do habitar*. Nesse contexto, o que se defende é que não se aprende sobre o ambiente como uma entidade separada, mas ao habitar e interagir com ele (Ingold, 2000, p. 42). O aprendizado indígena, portanto, é definido como um processo relacional e interativo, e, em lugar de adquirir um conjunto fixo de habilidades ou conhecimentos, os aprendizes indígenas desenvolvem um *modo de atenção* sensível ao ambiente em sintonia com o fluxo da vida ao seu redor (Ingold, 2011, p. 148). A aprendizagem indígena, nesse sentido, aparece como uma forma de conhecimento emergente, que acontece no próprio ato de viver e se engajar com o mundo, um processo contínuo e aberto em que a experiência direta é fundamental.

Enquanto expressão máxima desse modelo formativo, é importante ressaltar que a visão ocidental sobre as tecnologias tradicionais como obsoletas ignora a relevância cultural e adaptativa dessas práticas. Ademais, nelas é possível reconhecer a compreensão que essas comunidades detêm da interdependência entre humanos, não-humanos e seu entorno: "uma abordagem ecológica à tecnologia considera o papel do ser humano como parte do tecido da vida, em vez de um agente externo que domina a natureza" (Ingold, 2011, p. 134).

Um dos principais expoentes desse modelo social e formativo é dado na figura do xamã. Para Santos (2003), o papel do xamã nas sociedades indígenas é dado como o de um "operador de tecnologias espirituais". Ele não apenas utiliza conhecimentos e elementos naturais em suas práticas, mas também conecta diferentes realidades e dimensões de conhecimento, funcionando como uma espécie de "tecnólogo" em seu contexto cultural. Segundo Santos, "o xamã é, antes de mais nada, um mediador, um tradutor que faz a ligação entre mundos e saberes distintos" (Santos, 2003, p. 87). Para o autor, o xamã vai além do papel de curador, operando em um sistema de conhecimento relacional em que a tecnologia está intrinsecamente vinculada à experiência e à comunicação com o mundo natural e espiritual.

Ao contrário das tecnologias ocidentais, que frequentemente se baseiam na manipulação e no controle dos elementos da natureza, o xamanismo oferece uma abordagem mais integrada e interconectada. Diferentemente da técnica ocidental "que se baseia na manipulação de objetos externos, a técnica xamânica é uma relação entre sujeitos" (Santos, 2003, p. 95). Essa perspectiva revela uma maneira alternativa de pensar a tecnologia, em que esta se torna uma extensão das relações humanas com o ambiente. Para Santos, "a relação do xamã com o mundo espiritual é um modelo radical de interconectividade e simbiose que pode desafiar nossa compreensão moderna de ciência e tecnologia" (Santos, 2003, p. 102).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto das abordagens indígenas acerca da tecnologia é possível ressaltar o modo como elas se distanciam da perspectiva ocidental. Simondon (2020), ao tratar os aspectos da individuação e o modo de existência dos objetos técnicos, traça uma clara relação no modo de constituição dos corpos, naquilo que esse autor denuncia como sendo um viés utilitarista. Nesse sentido, "a relação técnica e individuação contribui na demarcação não somente da perspectiva epistemológica desse ser, mas, de acordo com os graus de significação estabelecidos coletivamente, também instituem os tipos éticos e estéticos dessa seara ontológica" (Silva Neto, 2024, p. 33-34).

As determinações de instituições como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por sua vez, e como expressão do utilitarismo atual, definem três categorias de competências em sua investida educativa; são elas: as competências técnicas, as competências de criatividade e pensamento crítico e as competências socioemocionais (OCDE, 2015). A aplicação dessa última, em especial, demarca a tentativa de definir comportamentos úteis e respostas emocionais desejáveis, o que acentua condição de

passividade do corpo frente os processos de individuação em sua relação com o meio em que está inserido.

O humanismo a que se propõe Simondon, portanto, atrela aos seus princípios uma dimensão estética, ou seja, da validação do objeto técnico não mais por sua utilidade, mas, como sugere Pablo Esteban Rodriguez no prefácio à *Do modo de existência dos objetos técnicos*, como parte da cultura, expressão do humano, do irrepetível autoral. Esse redimensionamento que se aproxima da perspectiva indígena, nos permite considerar um matiz ético que lança luzes ao coletivo em suas composições biossociotecnológicas (Santos, 2003), político-econômicas (Lotti, 2022) e inventivas (Freire, 2022).

Quadro: Considerações tecnológicas baseadas em modelos formativos

Considerações político-econômicas: Rede de relações. Coindividuação. Ética da informação.	**Competências Socioemocionais:** Regulação de comportamentos Gestão do esgotamento emocional dentro do Mundo do Trabalho
Considerações biossociotecnológicas: Biodiversidade considerada em suas dimensões potenciais. Formas de reconhecimento da integração entre ser humano e natureza.	**Competências Técnicas:** Fomento ao utilitarismo e cultura de descarte. Sustentabilidade como forma de manutenção de um mesmo sistema. Ser humano apartado da natureza.
Considerações inventivas: Pressupõe a criação, Possibilidades disruptivas.	**Competências de criatividade e senso crítico:** Prevê a inovação dentro das lógicas de consumo.

Fonte: Autoria própria

Por fim, o quadro acima sintetiza algumas das perspectivas emergentes no contraste entre a visão ocidental, majoritariamente utilitarista e normatizadora, e as abordagens que se permitem reconhecidas em comunidades indígenas, na promoção de uma integração ontológica e ética na relação o ser humano e a tecnologia na tipificação de corpos outros. Nesse sentido, a compreensão das tecnologias sob uma ótica indígena contribui para o questionamento de modelos convencionais de formação e para a expansão do entendimento de competência e inovação, oferecendo uma alternativa que valoriza a coletividade, a sustentabilidade, e o reconhecimento da diversidade cultural e biológica.

REFERÊNCIAS

FREIRE, E. Invenção tecno-estética como política de sobrevivência: uma reflexão a partir do documentário de Khiam (2000-2007). In: NOVAES, T.; VILALTA, L; SMARIERI, E. (Orgs). **Máquina Aberta:** a mentalidade técnica de Gilbert Simondon. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

GIACOIA JR., Oswaldo. Corpos em fabricação. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 75-92, jan./jun. 2011.

INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge, and Description**. London: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling, and Skill**. London: Routledge, 2000.

LÓPEZ-RUIZ, Oswaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo:** capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

LOTTI, L. O dinheiro como objeto técnico: uma introdução à política econômica de Gilbert Simondon. In: NOVAES, T.; VILALTA, L; SMARIERI, E. (Orgs). **Máquina Aberta**: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

OCDE. Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico. **Estudos da OCDE sobre competências: competências para o progresso social:** o poder das competências socioemocionais. Tradução Maria Carbajal. São Paulo: Fundação Santillana, 2015.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as Novas Tecnologias**: O Impacto Sócio-Técnico da Informação Digital e Genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SILVA NETO. J. A. da. **Do Corpo-educando ao Corpo competência:** as competências socioemocionais na Formação Profissional e Tecnológica. 95 f. Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2024.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. Tradução: Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020a.

SIMONDON, G. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Tradução: Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2020b.